



Narrativa histórica e construção de identidade na História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia

*Historical narrative and identity construction in Eusebius of
Caesarea's Ecclesiastical History*

Eduardo Douglas Santana Silva

Resumo

Eusébio Pafílio (c.260-339), bispo da cidade de Cesareia na Palestina, é conhecido por sua mais famosa obra, a História Eclesiástica. Original em sua empresa de escrever uma história da Igreja Cristã já no século IV, será o primeiro a sistematicamente pensar a história eclesiástica como gênero de escrita histórica, dando ao cristianismo um artifício de perpetuação de sua memória, dos fatos e personagens que desde a sua fundação são protagonistas da ação da Igreja. Porém, mais ainda do que perpetuar a memória ou narrar fatos, Eusébio está preocupado também com a sucessão dos bispos das principais sedes episcopais, sinal da continuidade da Tradição apostólica, bem como marcar os aspectos da identidade cristã diante do judaísmo e do paganismo. Através da análise de toda a estrutura da História Eclesiástica é possível perceber o modo com o qual o bispo de Cesareia pretendeu a sacralização da escrita histórica, para isso investigando as suas fontes e influências e ligando-o ao seu contexto histórico no século IV.

Palavras-chave: História da Igreja. Eusébio de Cesareia. Identidade. Teologia da história.

Abstract

Eusebius Pamphilius (c.260-339), bishop of the city of Caesarea in Palestine, is known for his most famous work, Ecclesiastical History. Original in his enterprise of writing a history of the Christian Church already in the fourth century, he was the first to systematically think of ecclesiastical history as a genre of historical writing, giving Christianity an artifice of perpetuating its memory, the facts and characters that since its foundation are protagonists of the Church's action. However, even more than perpetuating memory or narrating facts, Eusebius is also concerned with the succession of bishops from the main episcopal sees, a sign of the continuity of the apostolic Tradition, as well as marking aspects of Christian identity in the face of Judaism and paganism. Through the analysis of the entire structure of Ecclesiastical History, it is possible to perceive the way in which the bishop of Caesarea intended the sacralization of historical writing, by investigating its sources and influences and linking it to its historical context in the 4th century.

Keywords: History of the Church. Eusebius of Caesarea. Identity. Theology of history.

Introdução

Eusébio Panfílio, ou Eusébio de Pânfilo, como ele mesmo fará questão de se identificar, como uma póstuma homenagem a seu mentor, o mártir São Pânfilo, nasceu provavelmente em uma família de origem grega na palestina por volta de 260 d.C. As informações sobre sua origem são, na verdade, meras especulações, pois nada tem-se de fato. Sabe-se, contudo, que fez seus estudos em Cesareia e ali sucedeu o bispo Agápio, provavelmente por volta de 313. O que sabemos sobre sua vida é reduzido à algumas informações que encontramos em autores contemporâneos no século IV. Autor prolífico, escreverá obras de caráter exegetico, teológico, apologético e obras históricas, além de discursos e cartas, tomando parte ativamente nos debates em torno do arianismo e do Concílio de Niceia, e no processo de aproximação da Igreja ao Império e ao Imperador Constantino. Respeitado enquanto vivo por sua autoridade como escritor eclesiástico, apesar de ter fortes opositores antiorigenistas e antiarianos,

após sua morte, dada por volta de 339, terá sua figura um tanto apagada, como consequência de suas teses dúbias na questão trinitária, herança de seu mestre Orígenes, e pela defesa de Ário. Ainda assim, sua obra mais famosa, a *História Eclesiástica*, será largamente utilizada como fonte primordial para se conhecer fatos e autores, muitas vezes com fragmentos apenas ali conservados, da história da Igreja até o início do século IV.

A *História Eclesiástica* de Eusébio marca a fundação da história eclesiástica como subgênero dentro do gênero histórico. Nela, principalmente preocupado em guardar a sucessão apostólica, irá empreender uma verdadeira sacralização da escrita da história da Igreja, entendendo a função da história que escreve como um ato de “gravar em colunas eternas”¹ os maravilhosos fatos que compõem a história do povo cristão, articulando sua narrativa de modo a construir um verdadeiro conceito cristão de história a partir da afirmação de uma identidade.

1. O propósito de Eusébio

Perguntar com que propósito Eusébio de Cesareia escreveu a sua *História Eclesiástica* é um trabalho facilitado pelo próprio bispo. Como já era comum nas obras da antiguidade, logo nos primeiros parágrafos de sua obra Eusébio nos apresenta o plano que o guia na empreitada de narrar os fatos em torno da história da Igreja:

A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o Salvador e nós; a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais ilustres; em cada geração, foram deputados para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tm 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo. Além disso, as tribulações sobrevindas a toda a nação judaica, logo após as insídias contra nosso Salvador; quantos, quais, em que tempo os ataques dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre

¹ EUSÉBIO de Cesarea, *História Eclesiástica* V, prólogo, 4.

nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco – tudo isso julguei conveniente transmitir por escrito.²

Uma introdução bem esclarecedora. O primeiro destaque é dado à ideia de sucessão. Há uma necessidade em transmitir a sacralidade da história da Igreja através da sucessão de seus bispos, legítimos sucessores dos Apóstolos. Nesse destaque dado por Eusébio a essa *Diadokhé* (a expressão grega usada por ele, traduzida como “sucessão”), é seu interesse “preservar e transmitir os sucessores dos Apóstolos e dos bispos, seus sucessores regulares, posto que a tradição apostólica é a garantia de autenticidade da doutrina. Encontra-se de chofre a instituição, a autoridade e a memória.”³ É através da legítima sucessão daqueles que viram a Jesus, os Apóstolos, que a Igreja se legitima.

Outro ponto a se destacar é a pretensão de Eusébio em expor a memória daqueles que ensinaram doutrinas contrárias à da ortodoxia vigente na Igreja, para mostrar o triunfo da ortodoxia contra as heresias. Aqui encontramos uma afirmação de identidade através da oposição entre os escritores considerados, por Eusébio, ortodoxos em suas doutrinas e os escritores heréticos. É também como forma de alerta para os leitores. Isso terá, sem dúvida, um grande peso no momento em que ele elenca as fontes que constituirão a narrativa na História Eclesiástica, ao incluir uns e excluir outros, ao louvar os escritos de uns e condenar os de outros, os “lobos rapaces”. Essa escolha das fontes e das autoridades a serem consideradas como tal é um constante de todos os tempos no discurso da história, como destaca Roger Chartier:

Em cada momento, a “instituição histórica” se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetivos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos ou censurados.⁴

Essa espécie de índice traçado ao início da obra, ainda que não vá coincidir exatamente com o conteúdo exposto,⁵ é a principal chave para se compreender a ideia que Eusébio tem do que deve compor a história da Igreja. Não só a sucessão episcopal ou o triunfo do cristianismo sobre o paganismo, mas também os

² EUSÉBIO de Cesarea, História Eclesiástica I, 1, 1-2.

³ HARTOG, F., A História de Homero a Santo Agostinho, p. 266-267.

⁴ CHARTIER, R., A história ou a leitura do tempo, p. 18.

⁵ VELASCO-DELGADO, A., Introducción, p. 41.

escritores eclesiásticos, os mártires, e até mesmo os hereges e os judeus, inimigos declarados da “sã doutrina”, se tornam personagens importantes dessa epopeia cristã. Arnaldo Momigliano irá destacar que “Eusébio de Cesareia foi o primeiro a escrever a história da Igreja a partir do ponto de vista do fiel”,⁶ demonstrando, assim, a importância dada por Eusébio ao cotidiano da Igreja enquanto corpo de Cristo formado por diversas categorias de fiéis. A intenção principal de Eusébio é, portanto, narrar todo o desenvolvimento dessa grande nação cristã de fiéis, “nação ao mesmo tempo nova (caso se parta da ‘economia’ do Cristo – e o elemento humano que há nele) e mais velha que todas as outras (caso se aborde a ‘teologia’ do Cristo – o elemento divino que há nele)”.⁷

2. Construção de história, construção de identidade

O apelo a antecedentes históricos é uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações, como afirma Kathryn Woodward⁸

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos.⁹

De fato, ao analisarmos a obra de Eusébio de Cesareia, percebe-se a sua preocupação em construir a ideia de um passado do cristianismo que não se limita ao período de Cristo e seus Apóstolos, mas que remonta aos próprios patriarcas hebreus. Nos primeiros quatro capítulos do livro I da História Eclesiástica encontramos Eusébio argumentando sobre como o nome de Cristo já era conhecido e honrado pelos antigos profetas e como a religião anunciada por ele não é nova e nem estranha.¹⁰ Para legitimar a identidade do cristianismo diante de religiões muito mais antigas, como o judaísmo e as religiões pagãs do Império, Eusébio ressignifica o discurso dos patriarcas e até de filósofos, para dar um passado autêntico e referenciado aos cristãos. Percebendo essa “desjudaização” do Antigo

⁶ MOMIGLIANO, A., As raízes clássicas da historiografia moderna, p. 195.

⁷ HARTOG, F., A História de Homero a Santo Agostinho, p. 269.

⁸ WOODWARD, K., Identidade e diferença, p. 11.

⁹ WOODWARD, K., Identidade e diferença, p. 28.

¹⁰ EUSEBIO de Cesarea, História Eclesiástica I, 3 e 4.

testamento, que receberá uma atenção especial de Eusébio principalmente nos capítulos 3 e 4 do livro I, Renata Sancovsky ressaltará que

Eusébio discorre sobre a cristianização de Moisés, definindo o Judaísmo como obsoleto já desde tempos bíblicos. Defendia que Abraão, Isaac e Jacob já seriam cristãos em seus atos e identidades, e Moisés, um líder que teria se colocado contra costumes a posteriori praticados pelo Judaísmo, como o descanso aos sábados (Shabat), as normas alimentares judaicas (Kashrut) e a circuncisão (Brit-Milá).¹¹

A identidade é, portanto, marcada pela diferença. Nesse momento do século IV, em que o cristianismo quer se legitimar cada vez mais na sociedade romana, marcar a sua diferença ante o judaísmo parece fundamental, visto que os judeus se colocaram diversas vezes em conflito com as autoridades do Império.

A construção dessa identidade cristã não se dará apenas com a ressignificação de símbolos ou a sucessão de lideranças episcopais, mas também com a representação de um arquétipo ideal do cristianismo: o martírio, a grandeza dos que enfrentaram o combate pela fé em sangrentas torturas, como ele mesmo destacará no propósito da sua obra. A vida dos mártires torna-se o exemplo maior do verdadeiro cristão, que se sacrifica em nome do bem da Igreja e de sua difusão.

A representação do martírio e do heroísmo dos mártires será uma forma de Eusébio legitimar a Igreja como instituição divina, que se mantém ao longo do tempo e da história apesar das perseguições. Antes, os martírios e a perseguição farão a Igreja mais forte, como ressaltarão diversos outros escritores eclesiais, tornando célebre no cristianismo o adágio: “É uma semente o sangue dos cristãos”¹². Denota-se, assim, que

Os relatos das perseguições foram um dos argumentos apologeticos utilizados na História Eclesiástica para demonstrar que a Igreja cristã do século IV, purificada pelo sofrimento, representava a religião verdadeira. Além disso, apresenta Constantino como o imperador eleito por Deus para a libertação dos cristãos, justificando as suas ações e apresentando

¹¹ SANCOVSKY, R. R., *Inimigos da fé*, p. 137.

¹² TERTULIANO, *Apologetico* 50, 13.

a união institucional entre Igreja e Estado como algo planejado e orientado pela Providência Divina (...).¹³

Eusébio compõe, portanto, um projeto de memória que tem por fundamento a autenticação daquilo que a Igreja prega, sua autoridade como religião e a identidade dos cristãos, chamados a espelhar sua vida no exemplo de devoção e fortaleza dos mártires. Para melhor explicitar a ideia da construção da História Eclesiástica como um projeto de memória formador de uma identidade para o cristianismo, nos valem do que expõe Gilberto Velho em *Projeto e Metamorfose*: “as circunstâncias de um presente do indivíduo envolvem, necessariamente, valores, preconceitos, emoções. O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar *significado* à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*.”¹⁴ A história pensada por Eusébio alia esses três elementos – projeto, memória, identidade¹⁵ – e tem seu centro na oposição dos cristãos ante o “outro”, quer seja pagão ou judeu, que se tornam, assim alvos polêmicos da narrativa eusebiana, que tem o claro objetivo de estabelecer e defender a ortodoxia cristã.

3. O contraste entre história eclesiástica e história clássica

Quando Heródoto (ca. 485 – 420 a.C.), no século V a.C., usou o termo “história” para designar sua narrativa, assim definiu e justificou sua obra:

¹³ SILVA, A. C. L. F., Reflexões sobre os martírios, a obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia e a hagiografia cristã, p. 2.

¹⁴ VELHO, G., Projeto e Metamorfose, p. 101.

¹⁵ Ao pensarmos a relação da construção de memória (que pensamos ser fundamental nas definições de identidade) e a construção da história, nos valem do que expõe Roger Chartier: “Sem dúvida, entre história e memória as relações são claras. O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas. E, ao contrário as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas históricas originais. Mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, ‘científico’, no sentido de Michel de Certeau.” CHARTIER, R., A história ou a leitura do tempo, p. 24.

Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas; desejava ainda, sobretudo, expor os motivos que os levaram a fazer guerra uns aos outros.¹⁶

Essa clássica e primeira definição da história, será depois seguida pela de Tucídides (ca. 460 – ca. 400 a.C.), que em sua *História da Guerra do Peloponeso*, mais do que a necessidade de produzir um registro dos fatos passados, oferece um ar narrativo do presente:

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos.¹⁷

A história encontrará em outros autores da antiguidade também as suas definições. Até mesmo Aristóteles (384 – 322 a.C.), no século IV a.C., dissertará na sua *Poética* algumas linhas sobre o que entende da história e de sua construção como gênero de escrita:

O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa. Caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato se sucederam, enquanto o outro, fala das coisas que poderiam suceder. E é por esse motivo que a poesia contém mais filosofia e circunspeção do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular.¹⁸

Também Eusébio não deixará de traçar uma linha mestra que o guiará na sua narrativa (o seu “plano da obra”, acima apresentado) e de pensar uma definição e um lugar para a história que escreve, como explicitado no prólogo do livro V da *História Eclesiástica*:

¹⁶ HERÓDOTO, *Histórias* I.

¹⁷ TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso* I, 1.

¹⁸ ARISTÓTELES, *Poética*, IX, 50.

Os demais historiadores se limitaram a transmitir por escrito as vitórias nas guerras, os troféus conquistados dos inimigos, o valor dos generais, a coragem dos soldados, manchados de sangue e de milhares de homicídios em prol dos filhos, da pátria e de outros interesses.¹⁹

Logo, podemos denotar claramente que o que Eusébio não pretende é ser um “Tucídides Cristão”. A história por ele pensada, ao invés de valorizar as conquistas bélicas, refere-se a outro tipo de batalha. Ele se preocupa, antes, com as batalhas dos mártires em nome de sua fé, as batalhas da ortodoxia contra a heresia, a batalha da Igreja contra o paganismo. Sua História Eclesiástica, longe da temática ao estilo clássico de Heródoto e Tucídides, será a narração da glória divina sobre a humana. Ele mesmo define assim a sua empresa:

Nós, porém, expomos nesta obra a conduta agradável a Deus, a saber, as guerras inteiramente pacíficas, atinentes apenas à paz da alma; e serão inscritos em colunas eternas os nomes daqueles que tiveram a coragem de combater mais em prol da verdade do que pela pátria, antes em favor da religião do que pelos entes mais amados. Igualmente, a resistência dos atletas da religião, a coragem demonstrada em tantas provações, os troféus conquistados contra os demônios, as vitórias alcançadas sobre inimigos invisíveis, as coroas definitivamente obtidas para eterna memória.²⁰

Mais do que uma questão de temática, porém, Eusébio não se utilizará do estilo clássico de escrever a história em virtude do seu interesse em utilizar-se constantemente, e diversas vezes diretamente, do maior número possível de testemunhos documentais. Seu estilo será mais próximo do significado mais primitivo da palavra “história”, um saber acumulado pela investigação, muito caro à filologia alexandrina.²¹ Para François Hartog, a ruptura entre Eusébio e a historiografia clássica seria a própria proposta de se escrever uma história eclesiástica, ao analisar a ideia central de sucessão presente na história eusebiana.²² Ele mesmo dirá que o historiador eclesiástico “não é um

¹⁹ EUSÉBIO de Cesaréia, História Eclesiástica V, prólogo, 3.

²⁰ EUSÉBIO de Cesaréia, História Eclesiástica V, prólogo, 4.

²¹ VELASCO-DELGADO, A., Introducción, p. 38.

²² HARTOG, F., A História de Homero a Santo Agostinho, p. 266.

pesquisador, mas um leitor que ‘escolhe e colhe as palavras’ dos que escreveram antes, visando a fazer ‘um corpo (uma narrativa organizada), usando a narrativa histórica’”.²³ Assim, a obra de Eusébio se usa da narrativa histórica para congregar todo um corpus documental que preserva a memória da Igreja enquanto corpo de Cristo que milita sobre a terra.

Entendemos aqui que o grande modelo de história pensado por Eusébio é o desenvolvido no Novo Testamento. Ainda que os evangelhos não sejam análises historiográficas num sentido estrito, não deixam de cunhar uma filosofia da história com características próprias. Segundo León Dujovne a história em conformidade com o Novo Testamento articula três noções fundamentais:

- 1) el tiempo, para su concepción común, es lineal, rectilíneo e irreversible, la Revelación y la Salvación se operan en una línea ascendente. 2) Todos los puntos o sucesos de esta línea se relacionan con el hecho histórico único y central: la muerte y la Resurrección de Cristo. 3) La Historia se despliega de acuerdo con un plan divino.²⁴

Essas três noções serão a base de formação da história pensada por Eusébio. Ao iniciar o primeiro livro da História Eclesiástica dissertando sobre a preparação para o nascimento de Cristo no Antigo Testamento através dos profetas e patriarcas e ao procurar situar no tempo a encarnação do “Verbo celestial” e, portanto, a inauguração do Novo Testamento, apresenta a fé, que tem seu ápice na morte e ressurreição do Verbo, como centro de toda a história, uma história que se desenrola numa lógica que gira em torno da vontade divina, de sua ação na história. Denota-se, portanto, que as três noções presentes embrionariamente nos evangelhos terão seu afloramento na História Eclesiástica de Eusébio. Não é, portanto, sem um fundamento eusebiano, perpetuado ao longo do medievo, que São Boaventura (1221-1274) resumirá sua concepção de história: “Quando a inteligência considera o mundo com os olhos da fé, descobre-lhe então a origem, o curso e o termo.”²⁵ Cristo, ao entrar na história, se torna ele mesmo a origem, o curso e o termo dessa mesma história. É, portanto, o que explica Eusébio ao iniciar sua narrativa pela origem de Cristo e sua economia da salvação:

²³ HARTOG, F., A História de Homero a Santo Agostinho, p. 266-267.

²⁴ DUJOVNE, L., La filosofía de la Historia en la Antigüedad y en la Edad Media, p. 159.

²⁵ SÃO BOAVENTURA, Itinerário da mente para Deus, p. 31.

E quem projetar transmitir por escrito a História eclesiástica, terá de remontar aos primórdios da “economia” de Cristo, pois honra-nos o nome que dele provém. É mais divina esta “economia” do que muitos opinam.²⁶

É dentro dessas noções fundamentais da história neotestamentária, exploradas por Eusébio no século IV, que Santo Isidoro de Sevilha (ca. 560 – 636 d.C.), em sua *Etymologiae*, no século VII, nos apresentará um conceito de história. Diz-nos ele que “A história é a narrativa dos grandes feitos, através da qual são conhecidas as coisas que aconteceram no passado.”²⁷ Se a história eclesiástica pensada por Eusébio não está interessada nos grandes feitos militares, ainda assim ela se interessa pelos grandes feitos dos homens da Igreja, dos eclesiásticos e de todas as ordens de fiéis. Esses seriam, a seu ver, os grandes feitos (*rei gestae*) dignos de serem narrados. Sem dúvida, a definição pensada por Santo Isidoro é um reflexo da história eclesiástica iniciada por Eusébio no século IV e que continuará a influenciar a narrativa sobre o passado durante toda a Idade Média.

Ainda pensando na ideia de *res gesta*, de narração dos grandes feitos, vale lembrar que no plano da obra que Eusébio traça no início do livro I ele mesmo dirá que é sua intenção narrar “a enumeração de tantos e tão *importantes eventos* no curso da História Eclesiástica” (grifo nosso).²⁸ Outra dimensão a se pensar em como a história eclesiástica de Eusébio está inserida numa ideia de *res gesta* é pensar, amparados aqui em Odilo Engels, que sua intenção é a de registrar acontecimentos. É interessante notar que ele nos diz que

As ações relatadas concentram-se, porém, sobre pessoas que ocupam cargos, cuja sucessão, através de várias gerações, mostra a interconexão de instituições no longo prazo. Dois aspectos podem ser destacados: ou a enumeração de determinadas características da ação dos detentores de cargos – repetidas como se fosse um catálogo – destaca os aspectos estáticos de uma instituição Juridicamente normatizada, o que muitas vezes se dá através da inserção de documentos legais, em citação verbal; ou então, a massa de acontecimentos diferenciados destaca a eficácia das

²⁶ EUSEBIO de Cesaréia, História Eclesiástica I, 1,8.

²⁷ SAN ISIDORO, Etimologías I, 40 (Tradução nossa).

²⁸ EUSÉBIO de Cesaréia, História Eclesiástica I, 1, 1.

ações desses detentores de cargos, cuja ação passa, assim, a corporificar a importância da própria instituição.²⁹

Sem dúvida alguma temos aqui como que um resumo da obra estruturada por Eusébio. Ao narrar os fatos da história eclesiástica, seu destaque é nos membros da hierarquia eclesiástica, principalmente seus colegas no episcopado. A importância por ele dada à sucessão apostólica, à *diadochia*, se reflete no seu interesse em manter o leitor informado da sucessão ininterrupta das sedes episcopais mais importantes em seu tempo (Roma, Jerusalém, Alexandria etc.). Ao expor a realidade de uma sucessão que se mantém ao longo da história sua intenção não é menos que demonstrar a interconexão, organização e resistência da Igreja enquanto instituição que se pretende de longo prazo (“até o fim dos tempos”). É tudo isso corroborado pela citação constante dos “documentos legais”, as testemunhas eclesiásticas dignas de crédito segundo sua seleção e julgamento. Por fim, esse conjunto narrativo dos grandes feitos, das sucessões episcopais e dos combates travados pela fé tem sua eficácia, enquanto ação da Igreja, no triunfo final de Constantino que dá fim à perseguição com o Édito de Milão em 313.

Por mais que Eusébio queira destacar que não é sua intenção registrar os grandes feitos da história clássica, ele não faz mais do que ressignificar esses feitos segundo a realidade do cristianismo, transferindo toda a codificação da historiografia à sua visão de Igreja. No fim, Eusébio, mesmo sem querer, se torna o “Tucídides Cristão”, narrador da grande guerra travada entre o cristianismo e a formação da própria identidade histórica.

4. Erudição, fontes e documentos

Eusébio é verdadeiramente um herdeiro da tradição intelectual alexandrina. Discípulo de Pânfilo, que o instruiu segundo os princípios da escola catequética de Alexandria, cujo maior expoente foi Orígenes, tem essa influência demonstrada claramente no modo como trabalha com as fontes, já que sua formação esteve estreitamente vinculada a seu trabalho na biblioteca de Cesareia, em contato direto com a erudição filológica e exegética das escrituras. De fato, não só Eusébio, mas outros escritores eclesiásticos serão influenciados pela escola de Alexandria e na coleta e divulgação de documentos. Como destaca Momigliano, “muitos documentos são já encontrados nos primeiros historiadores eclesiásticos – Eusébio,

²⁹ ENGELS, O., Compreensão do conceito na Idade Média, p. 63.

Sócrates, Sozomeno, Teodoreto: eles tinham adotado os hábitos eruditos dos antiquários e dos gramáticos alexandrinos.”³⁰

A biblioteca de Cesareia, que disponibilizou a maior parte das obras que Eusébio consultou, ou pelo menos parte disso, para escrever sua *História Eclesiástica*, estava muito provavelmente repleta tanto das obras dos escritores eclesiásticos antecessores a ele como das obras clássicas:

Embora a totalidade do material disponível na biblioteca de Cesareia seja desconhecido, sabe-se da riqueza de documentos nela contida, incluindo obras filosóficas, históricas, poéticas e retóricas de autores cristãos, pagãos e judaicos; material que certamente influenciou a formação e a produção intelectual do bispo de Cesareia.³¹

A erudição helenística, que na prosa se apresentou principalmente nas grandes críticas literárias, na exegese e na catalogação e edição de textos gregos, terá seu destaque em autores como Calímaco (310 a.C. – 240 a.C.), Aristófanes de Bizâncio (ca. 257 a.C. – ca. 185-180 a.C), Eratóstenes (276 a.C. – 194 a.C), Aristarco (310 a.C. – 230 a.C) e Dídimos (ca. 63 a.C. – 10 d.C.). Alexandria, no Egito, será um grande centro de difusão desse conhecimento produzido segundo os estilos que surgirão no período helenístico. E com o advento do cristianismo, muito dessa erudição será assimilada pela escola catequética que se formará em Alexandria, e que será a base da formação de Eusébio. É através dessa origem helenística que se deve compreender a formação da história eclesiástica por ele pensada, pois “foi a partir da erudição helenística que Eusébio deu forma ao novo modelo de história eclesiástica. Nisto foi fiel à tradição helenística de seus mestres e ao seu próprio programa na *‘Praeparatio Evangelica’*”.³²

Essa erudição helenística presente em Eusébio se apresentará também, e sobretudo, no trato por ele dado às fontes usadas na composição da *História Eclesiástica*. De fato, seguindo a metodologia da escola alexandrina de filologia, fará mais do que citar os autores, mas terá a preocupação em nos listar as obras desses autores, dando-nos preciosos catálogos. Assim, ele nos lega o catálogo das obras de Fílon de Alexandria (25 a.C. – 10 d.C.) e Flávio Josefo (37 d.C. – 100 d.C.), os únicos autores judeus citados em toda a obra; de Santo Inácio

³⁰ MOMIGLIANO, A., *As raízes clássicas da historiografia moderna*, p. 193.

³¹ LOSEKANN, C. R. L., *A contribuição da retórica para a formação e difusão do cristianismo durante a Antiguidade Tardia a partir da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia*, p. 122.

³² MOMIGLIANO, A., *As raízes clássicas da historiografia moderna*, p. 198.

de Antioquia (ca. 30-ca. 107); de São Clemente (ca. 35 – 100), bispo de Roma; de Papias de Hierápolis (ca. 70 – ca. 155), escritor eclesiástico do segundo século, cuja obra *Explicação das sentenças do Senhor* chegou até nós apenas em fragmentos conservados em citações nas obras de alguns autores, entre eles Eusébio; de Hegesipo (ca. 110 – ca. 180); de São Justino (100 – 165), teólogo e mártir do século II; de Sexto Júlio Africano, cronista do final do século II, grande influência de Eusébio em escrever uma história da Igreja, e muitos outros autores. A importância desses catálogos apresentados por Eusébio se traduz no fato de que geralmente a existência de muitas obras que hoje estão perdidas só chegam ao nosso conhecimento graças ao que foi conservado por ele. Como nos alerta Velasco-Delgado, “*es evidente la limitación de alguna de estas listas, sobre todo las de autores occidentales, como Hipólito, pero a todas luces resalta su mérito y su utilidad para la posteridad.*”³³

Podemos compreender, portanto, o grande valor que possui a História Eclesiástica pela farta citação de documentos. São não menos que 250 passagens, das quais pelo menos a metade é de obras perdidas, que só nos são conhecidas pelos trechos citados por Eusébio. É de se notar também a sua preocupação em apoiar suas afirmações nas fontes que cita, e deixando isso claro ao leitor, como no final do sumário do livro II, em que faz questão de destacar: “Redigimos este livro de acordo com Clemente, Tertuliano, Josefo e Fílon”.³⁴

Muitos desses documentos já tinham sido consultados por Eusébio em outros escritos seus, como a *Crônica e Mártires da Palestina*. Nem sempre ele cita diretamente os escritos, mas faz alusões, citações indiretas e resumos. Nas citações diretas, em geral, ele

Cita con exactitud los textos, lo que no impide que éstos no sean rigurosamente exactos si ya no lo eran en la fuente que él utiliza. Además, no es siempre uniforme y consistente en su manera de citar. Hay veces en que no aparece claro dónde comienza y dónde acaba una cita, sobre todo cuando se trata de textos que no se pueden comparar por ser el único fragmento existente.³⁵

³³ VELASCO-DELGADO, A., Introdução, p. 59.

³⁴ EUSEBIO, História Eclesiástica II, 1.

³⁵ VELASCO-DELGADO, A., Introdução, p. 57.

Muitas vezes suas citações começam no meio ou no final de uma frase, não hesitando Eusébio em algumas ocasiões mutilar parte do texto citado, quando necessário para fazer sentido como testemunho ou apoio para suas afirmações e argumentações. Há também erros na falta de antecedentes imediatos no texto, ou contextos anteriores ou posteriores que deem um sentido mais claro à citação, ou cortes mal feitos nas interrupções das citações. É de se destacar que, “*Muchos de estos fallos se deben a simple negligencia o descuido, quizás de los secretarios, pero a voces son deliberados y significativos (...)*.”³⁶

Algo digno de nota é que Eusébio nunca utilizou como fonte um escrito apócrifo, herético, pagão ou judeu, na medida em que esse escrito não coincidissem com a tradição cristã ortodoxa. Se se utiliza de Josefo e Fílon é porque acredita que os escritos deles concordam com essa tradição, como quando cita a obra *Antiguidades Judaicas*, de Josefo, no trecho do famoso *Testimonium Flavianum*.³⁷ Ao tratar das heresias e de autores heréticos não vai até esses autores diretamente, mas utiliza os escritos dos que combateram as heresias. De fato, “*En aquella época hubiera sido inconcebible el obtener información sobre las herejías en las mismas fuentes heréticas, como se hace modernamente.*”³⁸

Diante dessas questões em torno do modo de seleção e trato dado às fontes por Eusébio, devemos levar em conta que

Antes de ser um intelectual, entretanto, Eusébio era um eclesiástico e um sobrevivente das disputas internas e das pressões externas contra o movimento de Jesus, que acreditava que uma Igreja guardiã da doutrina de Cristo pura e inteira tinha sido por Ele instituída desde o princípio, solidamente estabelecida com o chamamento dos Doze e com a promessa de que “as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela”.³⁹

A História Eclesiástica, como obra histórica, nunca deixará seu caráter apologético. Sua finalidade é muito clara: expor a história de uma fé, defendendo-a do ataque dos inimigos, destacando seu triunfo. É tendo em vista toda essa dimensão tomada pelo discurso da História Eclesiástica como uma verdadeira “história apologética” que deve ser analisada sua estrutura e suas fontes. Não é uma narrativa histórica apenas. É a narração de “uma conduta agradável a Deus”.

³⁶ VELASCO-DELGADO, A., Introducción, p. 57.

³⁷ EUSÉBIO de Cesareia, História Eclesiástica I 11, 7-8.

³⁸ VELASCO-DELGADO, A., Introducción, p. 58.

³⁹ CRUZ, A. B. C., Uma versão da institucionalização do movimento cristão, p. 68.

Conclusão

Analisando a História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia, procurou-se compreender o desenvolvimento dessa obra enquanto construtora de uma memória e de uma identidade na narrativa histórica, bem como a sacralização do gênero histórico, destacando-se ao longo desse trabalho o quanto a narrativa de Eusébio estará repleta de “um modelo de História providencial, que desenrola desde a criação do mundo, passando pela História judaica, indo em direção ao nascimento de Cristo, para desembocar na História do Império Romano.”⁴⁰ Ao se utilizar do gênero histórico, já presente na antiguidade pagã greco-romana, Eusébio dará para a história um fator sacro, já que Deus se encarna e se faz presente nessa mesma história.

Pelo aqui exposto é possível, assim, notar o quanto a mentalidade histórica do cristianismo constituirá as bases de muitas das nossas noções atuais de história, com sua linearidade e teleologia. Isso se dará pela importância dada pelo cristianismo à conservação da memória, que tem seu início nos evangelhos, e continua nos autores eclesiais, nos relatos dos martírios e nas vidas dos santos. Essa identidade a partir da composição de uma narrativa histórica é articulada por Eusébio em sua obra de forma a dar um lugar literário ao mistério da encarnação e suas consequências no desenvolvimento posterior da Igreja e da própria história universal. É na História Eclesiástica que Deus, encarnado no tempo, concilia-se com a história e a sacraliza, sob a ágil pena do bispo de Cesareia.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CRUZ, A. **Uma versão da institucionalização do movimento cristão: a História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia**. 2009. 283 f. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

⁴⁰ MEIER, Antiguidade, p. 60.

DUJOVNE, L. **La filosofía de la Historia em la Antigüedad e enla Edad Media**. Buenos Aires: Ediciones Galatea-Nueva Visión, 1958.

ENGELS, O. Compreensão do conceito na Idade Média. In: KOSELLECK, R. et al. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Introdução e notas complementares de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2000.

HARTOG, François (Org.). **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

HERÓDOTO. **História I**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1952.

LOSEKANN, C. R. L. A contribuição da retórica para a formação e difusão do cristianismo durante a Antiguidade Tardia a partir da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia. **Temporis (ação)**, v.13, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2013.

MEIER, C. Antiguidade. In: KOSELLECK, R. et al. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MOMIGLIANO, A. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru: Edusc, 2004.

SANCOVSKY, R. R. **Inimigos da fé: judeus, conversos e judaizantes na Península Ibérica, século VII**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2010.

SAN ISIDORO. **Etimologías**. Madrid: BAC, 2004.

SÃO BOAVENTURA. **Itinerário da mente para Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, A. Reflexões sobre os martírios, a obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia e a hagiografia cristã. In: Ciclo de debates em História Antiga. **Dialogando com Clio**, 18, I 2008, Rio de Janeiro, p. 1-26.

TERTULIANO. **Apologético; O pálio**. São Paulo: Paulus, 2021.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: UNB, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VELASCO-DELGADO, A. Introducción. In: EUSEBIO PANFILIO, O bispo de Cesarea. **Historia Eclesiástica**. Madrid: BAC, 2008.



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2022v2n3p19

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Eduardo Douglas Santana Silva

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/ RJ – Brasil

E-mail: eduardo.dss@outlook.com

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 23/06/2022